

I SEMARX
I SEMANA DE ESTUDOS MARXISTAS

Instituto Romulo Almeida de Altos Estudos (IRAE)
Faculdade de Ciências Econômicas (FCE)

A ÓTICA LENINISTA SOBRE MARX

*Pedro Castro**

Nas “Obras Escogidas”, de Lenin, em doze tomos, há nada menos de 348 citações em notas deste autor sobre Marx. Diante da imensa presença de Marx nos escritos de Lenin, que também são muitos, um dos caminhos possíveis de registrá-la, nos limites de um trabalho como este, é o da ilustração com base em eleição, o que fazemos tomando por base o próprio primeiro texto desta edição espanhola de suas obras escolhidas, o intitulado “Quienes son los Amigos Del Pueblo”. Desprezamos sua parte final, relativa à crítica do autor examinado por Lenin, contra os então social democratas russos e nos fixamos em duas questões essenciais do pensamento marxista, sobretudo de Marx e no balanço geral que disso faz o próprio Lenin.

1. Teoria Materialista da História

A primeira delas, refere-se aos fundamentos teóricos do marxismo e especificamente sobre a “concepção materialista da história” e trata da polêmica envolvendo vários autores russos e particularmente o senhor N. Mijailovski¹ Neste caso, analisando a afirmação deste autor de que não existiria a obra em que Marx tivesse exposto sua concepção materialista da história, Lenin, além de lamentar que o mencionado autor tenha elogiado mais do que lido Marx, resgata trabalho anterior daquele senhor, no qual também elogiara Marx, mas aí afirmando que o programa conseqüente deste demonstrava “a lei econômica da sociedade moderna”.

Neste caso, Lenin chama a atenção para o fato de Marx tratar da sociedade “moderna”, quando todos os economistas anteriores a ele tratavam da sociedade em geral. E para esclarecer o pensamento de Marx sobre “a lei econômica do desenvolvimento da sociedade”, Lenin inicialmente transcreve o texto de Marx, de “*O Capital*” em que ele afirma: “eu concebo o desenvolvimento da formação econômica da sociedade como um processo natural”. Considerando tais citações como representantes da idéia fundamental contida em “*O Capital*”, (aplicada por Marx, com estrita conseqüência e rara força lógica, segundo o próprio Mijailovski), Lenin sugere que nos fixemos em duas circunstâncias: a primeira, de que Marx refere-se a uma única “formação socioeconômica”, a formação capitalista, quer dizer afirma haver investigado a lei do desenvolvimento desta única formação e nenhuma outra; e a segunda, de que Marx empregou métodos que, também segundo o próprio senhor Mijailovski, consistiam no “estudo minucioso dos respectivos fatos”.

¹ Escritos da publicação *Rússkoie Bogatstvo* (*A Riqueza Russa*): revista mensal que se publicou em Petersburgo, de 1876 até meados de 1918. No começo dos anos 90 passou a ser órgão dos populistas liberais, tendo como diretores S.N. Krivenko e N.K. Mijailovski. Propagava a reconciliação com o governo czarista e combateu encarniadamente o marxismo e os marxistas russos.

I SEMARX
I SEMANA DE ESTUDOS MARXISTAS

Instituto Romulo Almeida de Altos Estudos (IRAE)
Faculdade de Ciências Econômicas (FCE)

Tentando analisar tal idéia fundamental de “O Capital”, Lenin considera como problemas fundamentais em torno dela, o de saber-se em que consiste propriamente o conceito de formação socioeconômica e em que sentido pode e deve ser considerado o desenvolvimento de semelhante formação como processo natural. Segundo ele, do ponto de vista dos então velhos economistas e sociólogos (que ainda não o seriam para a Rússia da época), o conceito de socioeconômica seria completamente supérfluo, já que eles falavam da sociedade em formação em geral, discutindo com autores como Spencer sobre o que seria a sociedade em geral etc.

* Professor NS (aposentado) e Militar (reserva)

Segundo Lenin, a tais autores, só interessava uma sociedade que satisfizesse à natureza humana, não lhes interessando em absoluto nenhuma formação social que, por agregação, pudesse estar baseada em fenômenos tão em pugna com a natureza humana, como a escravização da maioria pela minoria. Para tais “sociólogos subjetivistas”, o fim da sociedade consistia em procurar vantagens para todos os seus membros e, por isso, a justiça exigiria uma organização determinada e os regimes que não correspondessem a tal organização ideal não seriam normais e deveriam ser eliminados. Desse ponto de vista, portanto, nem caberia falar do desenvolvimento da sociedade como um processo natural, já que, ao se reconhecer algo como desejável ou indesejável, caberia ao sociólogo encontrar as condições necessárias para realizar o desejável ou para eliminar o indesejável, “para realizar tais ou quais ideais”, segundo o senhor Mijailovski. Nem caberia falar sequer de um desenvolvimento, senão de diversos desvios “do desejável”, de “defeitos” registrados na história, porque os homens não teriam sido inteligentes, não teriam sabido compreender bem o que exige a natureza humana, não teriam sabido descobrir as condições para estabelecer esses regimes racionais.

Para Lenin, ao contrário dessa concepção, a idéia fundamental de Marx sobre o processo natural de desenvolvimento das formações socioeconômicas solapa pela raiz aquela fábula infantil que se pretendia chamar sociologia. Para ele, Marx chegou a esta idéia fundamental, destacando dos diversos campos da vida da sociedade o da economia, distinguindo de todas as relações sociais *as relações de produção*, por serem as fundamentais, as primárias, as que determinam todas as demais.

Recorrendo a larga citação de Marx em “*Contribuição à Crítica da Economia Política*”, Lenin transcreve o texto em que este se refere às dúvidas que o assaltaram e que resultaram em seu primeiro trabalho de revisão crítica da filosofia hegeliana, numa investigação que teria tido como resultado que nem as relações jurídicas, nem as formas de Estado podem compreender-se por si mesmas nem pela chamada evolução geral do espírito humano, senão que se enraízam nas condições materiais de vida, cujo conjunto Hegel, seguindo os ingleses e franceses precedentes, do século XVIII, resumira com o nome de “sociedade civil”, cuja anatomia deveria ser buscada na economia política. Nesse texto Marx registra que o resultado a que chegou, com seu estudo da economia política, poderia ser resumido nas seguintes afirmações: “Na produção social de sua vida, os homens contraem determinadas *relações de produção*, que correspondem a uma determinada fase de desenvolvimento de suas forças produtivas materiais” e “o conjunto destas relações de produção forma a superestrutura

I SEMARX
I SEMANA DE ESTUDOS MARXISTAS

Instituto Romulo Almeida de Altos Estudos (IRAE)
Faculdade de Ciências Econômicas (FCE)

jurídica e política à qual correspondem determinadas formas de consciência social. O modo de produção da vida material condiciona os processos da vida social, política e espiritual em geral. Não é a consciência do homem a que determina seu ser, senão, ao contrário, o ser social é que determina sua consciência. Ao chegar a uma determinada fase de desenvolvimento, as forças produtivas materiais da sociedade se chocam com as relações de produção existentes ou, o que não é mais que a expressão jurídica disto, com as relações de propriedade, dentro das quais se desenvolveram até aí. De formas de desenvolvimento das forças produtivas se convertem em suas travas. E assim se abre uma época de revolução social. Ao mudar a base econômica, revoluciona-se mais ou menos rapidamente toda a imensa superestrutura erigida sobre ela. Quando se estudam tais revoluções há que distinguir sempre entre as mudanças materiais ocorridas nas condições econômicas de produção, que podem apreciar-se com a exatidão própria das ciências naturais, das formas jurídicas, políticas, religiosas, artísticas ou filosóficas, em uma palavra, as formas ideológicas em que os homens adquirem consciência deste conflito e lutam por resolve-lo. E do mesmo modo que não podemos julgar um indivíduo pelo que ele pensa de si, não podemos julgar tampouco a estas épocas de transformação por sua consciência, senão que, pelo contrário, há que explicar tal consciência pelas contradições da vida material, pelo conflito existente entre as forças produtivas sociais e as relações de produção... A grandes traços, podemos designar como outras tantas épocas de progresso, na formação econômica da sociedade, o modo de produção asiático, o antigo, o feudal e o moderno burguês”.

Segundo Lenin, isto representou uma genial idéia do materialismo na sociologia, embora então não passasse de uma hipótese, mas uma hipótese que, em primeiro lugar, permitia adotar pela primeira vez uma atitude rigorosamente científica frente aos problemas históricos e sociais. Até então, os sociólogos, incapazes de descer a relações tão elementares e primárias como as de produção, empreendiam de frente a investigação e o estudo das formas políticas e jurídicas, tropeçavam no surgimento destas formas de idéias e não passavam disso; resultando na aparência de que as relações políticas são estabelecidas de forma consciente pelos homens. Tal conclusão, que se teria visto plenamente expressada na idéia do *Contrato Social*² (cujos vestígios são notáveis em todos os sistemas do socialismo utópico), estaria em contradição absoluta com todas as observações históricas. Jamais teria ocorrido, nem ocorreria, que os membros da sociedade imaginassem ou imaginem o conjunto das relações sociais em que vivem como algo determinado, íntegro e impregnado de certo princípio. Ao contrário, a massa do povo se adapta inconscientemente a essas relações e a idéia que se tem delas como relações sociais históricas especiais seria tão escassa que, a título de exemplo, só então se teria dado uma explicação das relações de troca, nas quais os homens viveram durante muitos séculos. O materialismo teria suprimido esta contradição, aprofundando a análise até chegar à origem

² *El Contrato Social*: uma das obras fundamentais de Juan Jacobo Rousseau, editada em Ámsterdã, em 1762. No registro de Lenin, a idéia básica desta obra é a afirmação de que todo regime social deve ser resultado de um acordo livre, de um contrato entre os homens. Idealista no fundo, a teoria do “contrato social”, formulada às vésperas da revolução democrática burguesa do século XVIII, na França, desempenhou, não obstante, um papel revolucionário. Foi uma expressão das demandas de igualdade burguesa, um chamamento à abolição dos privilégios feudais dos estamentos e à proclamação da república burguesa.

I SEMARX
I SEMANA DE ESTUDOS MARXISTAS

Instituto Romulo Almeida de Altos Estudos (IRAE)
Faculdade de Ciências Econômicas (FCE)

dessas próprias idéias sociais do homem e à conclusão de que o curso das idéias depende das coisas, como a única compatível com a psicologia científica. Em segundo lugar, esta hipótese teria também elevado, pela primeira vez, sob outro ponto de vista, a sociologia ao nível de ciência. Com efeito, até então, aos sociólogos lhes custava trabalho distinguir, na complicada rede de fenômenos sociais, os importantes dos não importantes (nisso consistindo o subjetivismo na sociologia) e descobrir um critério objetivo para fazer tal distinção. O materialismo proporcionou inteiramente tal critério objetivo, ao destacar as *relações de produção* como estrutura da sociedade e assim oferecer a possibilidade de aplicar a tais relações o critério científico geral da repetição, coisa que os subjetivistas negavam à sociologia. Enquanto eles se limitavam às relações sociais ideológicas (as que passam pela consciência dos homens antes de tomar forma e, em outras palavras, tratando só da consciência das relações *sociais*), não poderiam suscitar a repetição e a regularidade dos fenômenos sociais nos distintos países e, assim, sua ciência se circunscrevia, na melhor das hipóteses, a descrever tais fenômenos, a coletar matéria prima. A análise das relações sociais materiais (que se estabelecem sem passar pela consciência dos homens: ao trocar produtos, os homens estabelecem relações de produção, inclusive sem consciência de que nisso existe uma relação social de produção) teria permitido no ato observar a repetição e a regularidade e sintetizar os regimes dos distintos países em um único conceito fundamental, o da **formação social**. Tal síntese teria sido a única a tornar possível a passagem da descrição dos fenômenos sociais (e de sua valoração do ponto de vista ideal) a sua análise estritamente científica, destacando o que diferencia um país capitalista de outro e estudando o que há de comum em todos eles. Em terceiro e último lugar, a genial hipótese de Marx teria brindado também pela primeira vez a possibilidade de uma sociologia *científica*, porque só reduzindo as relações sociais às de produção, e estas ao nível das forças produtivas, ter-se-ia uma base firme para conceber o desenvolvimento das formações sociais, como um processo natural. Sem semelhante concepção não poderia haver a ciência social. Como exemplo, registra Lenin, os subjetivistas, mesmo reconhecendo que os fenômenos históricos regem-se por leis, não foram capazes, contudo, de ver sua evolução como um processo natural, justamente porque detiveram-se nas idéias e fins sociais do homem, sem saber reduzir tais idéias e tais fins às relações materiais da sociedade.

No entanto, *assinale-se*, Marx, que teria formulado tal hipótese na década de 1840, empreendeu o estudo efetivo dos fatos. Tomou uma das formações socioeconômicas – o sistema da economia mercantil – e, apoiando-se em uma imensidão de dados (que estudou durante um período não inferior a vinte e cinco anos), fez uma análise sumamente minuciosa das leis que regem o funcionamento e desenvolvimento de tal formação. Sua análise limita-se às relações de produção entre os membros da sociedade: sem recorrer uma só vez, para explicar as coisas, a nada que se achasse à margem dessas relações de produção, Marx permitiu que se visse como se desenvolve a organização mercantil da economia social e como se transforma em organização capitalista, criando (já dentro do marco das relações de produção) duas classes antagônicas: a burguesia e o proletariado; como desenvolve tal organização a produtividade do trabalho social, ensejando com isso um elemento que entra em contradição inconciliável com os fundamentos desta mesma organização capitalista. Este seria

I SEMARX
I SEMANA DE ESTUDOS MARXISTAS

Instituto Romulo Almeida de Altos Estudos (IRAE)
Faculdade de Ciências Econômicas (FCE)

o esqueleto de O Capital. Contudo, tudo residiria em que Marx, no entanto, não se deu por satisfeito com este esqueleto, não se limitou à “teoria econômica”, no sentido habitual da expressão; ao *explicar exclusivamente* pelas relações de produção a estrutura e o desenvolvimento da formação social dada, Marx, em que pese isso, sempre analisou e em todas as partes as superestruturas que correspondem a estas relações de produção, recobrando com carne o esqueleto e injetando sangue neste organismo. O imenso êxito de *O Capital* teria sido precisamente porque este livro de um “economista alemão” teria mostrado ao leitor toda a formação social capitalista como organismo vivo: com seus diversos aspectos da vida cotidiana, com a manifestação social efetiva do antagonismo de classes próprio de tais relações de produção, com sua superestrutura política burguesa que protege a dominação da classe dos capitalistas, com suas idéias burguesas de liberdade, igualdade etc., com suas relações familiares burguesas. Daí, segundo Lenin, compreender-se como completamente exata a comparação com Darwin: *O Capital* não seria outra coisa senão “algumas idéias generalizadoras, estreitamente vinculadas entre si, que coroam todo um Mont-Blanc de fatos”. E se havia alguém que, ao ler *O Capital*, não soube reparar em tais idéias generalizadoras, a culpa não seria de Marx que, como se via, fala delas inclusive em seu prólogo. Ademais, tal comparação seria acertada não só em seu aspecto externo (que teria interessado especialmente ao senhor Mijailovski, sem que se soubesse porque), mas também em seu aspecto interno. Da mesma maneira que Darwin teria posto fim à opinião de que as espécies de animais e plantas não têm nenhuma ligação, de que são casuais, “obra de Deus” e imutáveis e deu pela primeira vez à biologia uma base completamente científica, ao descobrir a mutabilidade das espécies e sua continuidade, dessa mesma maneira, Marx teria posto fim à concepção que se tinha de que a sociedade é um agregado mecânico de indivíduos que admite qualquer tipo de mudança, pela vontade dos chefes (ou, o que dá no mesmo, pela vontade da sociedade e do governo), agregado que surge e se modifica casualmente e dado pela primeira vez à sociologia uma base científica, ao formular o conceito de formação socioeconômica como conjunto de determinadas relações de produção, deixando assentado que o desenvolvimento dessas formações constituem um processo natural.

Para Lenin, desde que apareceu *O Capital*, a concepção materialista da história teria deixado de ser uma hipótese para converter-se em uma tese demonstrada, com argumentos científicos. E enquanto não se contasse com outra tentativa de explicar cientificamente o funcionamento e o desenvolvimento de alguma formação social, qualquer que fosse – precisamente de uma formação social e não da vida cotidiana de um país, de um povo e inclusive de uma classe etc.- enquanto não se contasse com outra tentativa de pôr ordem nos “respectivos fatos”, com a mesma exatidão que soube realizá-lo o materialismo, com a mesma exatidão que soube dar um quadro vivo de uma determinada formação, explicando-a de modo estritamente científico, enquanto não se contasse com isso, a concepção materialista da história será sinônimo de ciência social. Nesse sentido, o materialismo não seria “no fundamental, uma concepção científica da história”, como queria o senhor Mijailovski, mas a sua única concepção científica.

I SEMARX
I SEMANA DE ESTUDOS MARXISTAS

Instituto Romulo Almeida de Altos Estudos (IRAE)
Faculdade de Ciências Econômicas (FCE)

Por outro lado, Lenin afirma primeiro que o senhor Mijailovski leu *O Capital* e não soube encontrar materialismo nele, chegando a perguntar onde estaria. Leu o *Manifesto Comunista de 1848* e não viu que nele se dá uma explicação materialista dos sistemas jurídicos, políticos, familiares, religiosos, filosóficos, da época e que nele a crítica das teorias socialistas e comunistas buscou e achou a origem de tais sistemas em tais ou quais relações de produção. Leu a *Miséria da Filosofia* e não viu que a análise da sociologia de Proudhon se fez ali do ponto de vista materialista, que a crítica da solução das mais diversas questões teóricas propostas por Proudhon parte dos princípios do materialismo: que as próprias indicações de Marx, neste seu livro, sobre as fontes em que se devem buscar os dados para resolver os problemas aí analisados, reduzem-se a apelar para as relações de produção. Ao ler *O Capital* não viu que tinha diante de si um modelo de análise científica segundo o método materialista de uma única – e a mais complicada – formação social, um modelo por todos aceitado e em nada superado. Daí aquele senhor ter feito as perguntas: “Onde está o materialismo em *O Capital*?” “Em que obra Marx expôs sua concepção materialista da história?”. Para Lenin, todo conhecedor das obras de Marx teria respondido ao Senhor Mijailovski com outra pergunta: “Em que obra Marx não expôs sua concepção materialista da história?” Em seu entender, este senhor não teria conhecido os estudos materialistas de Marx senão quando assinalados em notas de alguns trabalhos historiosóficos de autores como um Karéiev, sob a rubrica de “materialismo econômico”.

Outro ponto abordado por Lenin neste seu trabalho, em relação ao materialismo de Marx, que ele considera mais curioso nas afirmações do senhor Mijailovski, foi o de ter este acusado a Marx de não haver “revisado todas as teorias conhecidas do processo histórico”, teorias que Lenin considera como meras suposições apriorísticas, dogmáticas e abstratas do que é a sociedade, do que é o progresso etc.. Para este, o mal de tais teorias estaria no próprio fato de existirem, em seus principais métodos, em seu caráter total e irremediavelmente metafísico. Considerando que começar por indagar o que é a sociedade e o que é o progresso significa começar pelo final, Lenin argui: “De onde você retirará os conceitos de sociedade e de progresso em geral, sem haver sequer chegado a estudar a sério, a analisar objetivamente, baseando-se nos fatos, quaisquer relações sociais?” Sobre esta questão, Lenin, após discutir teorias e procedimentos de diferentes ciências como a química, a biologia, a psicologia e a sociologia e até da filosofia, considerando-as estereis, metafísicas, bolhas de sabão que, no melhor dos casos, representariam sintomas das idéias e relações sociais de seus tempos, que não propiciavam o menor avanço do homem na *compreensão* das relações sociais, embora fossem apenas relações sociais, mas reais (e não as correspondentes à natureza humana), registra que o gigantesco passo que Marx deu neste sentido teria consistido exatamente em haver jogado fora todos esses raciocínios sobre a sociedade e o progresso em geral, oferecendo em troca uma *análise científica* de uma sociedade e de um progresso: da sociedade e do progresso capitalistas.

Segundo Lenin, filósofos subjetivistas como o Senhor Mijailovski atribuem à concepção materialista da história de Marx pretensões que ela jamais teve, afirmando que este teria proclamado *uma concepção* completamente nova da história, pretendendo “explicar a

I SEMARX
I SEMANA DE ESTUDOS MARXISTAS

Instituto Romulo Almeida de Altos Estudos (IRAE)
Faculdade de Ciências Econômicas (FCE)

humanidade em seu passado”, o que seria totalmente falso. Segundo Lenin, o materialismo de Marx não pretende senão explicar a organização social capitalista e nenhuma outra. Se a aplicação do materialismo na análise e na explicação de uma única formação social deu resultados tão brilhantes, seria completamente natural que, aplicado à história, já não fosse só uma hipótese, mas uma teoria cientificamente provada; seria por tudo natural que a necessidade de semelhante método fosse estendida também às demais formações sociais, ainda que elas não tivessem sido submetidas a um estudo especial dos fatos nem a uma análise detalhada, da mesma forma que a idéia do transformismo, demonstrada com respeito a um número suficiente de fatos, estender-se-ia a todo o campo da biologia, embora quanto a algumas espécies de animais e plantas não se houvesse chegado a comprovar, contudo, com exatidão, sua transformação. Portanto, da mesma maneira que o transformismo estaria longe de pretender explicar “toda” a história da formação das espécies, já que aspira apenas a pôr os métodos desta explicação no nível científico, o materialismo, aplicado à história, jamais teria pretendido explicar tudo, senão apenas indicar, como se expressou Marx, em *O Capital*, “o único método científico” de explicar a história.

Finalmente, sobre esta primeira questão essencial, a do materialismo, Lenin prossegue examinando a polêmica do senhor Mijailovski agora não só com os textos de Marx, mas também com alguns de Engels e de outros autores, em torno de, entre outros, ângulos como “as bases da teoria do materialismo econômico”, uma suposta “emenda” à formula da concepção materialista da história, envolvendo a agregação da “procriação” ou da “reprodução”, como mais um elemento determinante, ao lado da “produção dos homens” (tendo em vista os estudos de Morgan³), a “teoria da violência”- defendida pelos autores da revista invocada no início deste texto -, as distinções entre conceitos e/ou expressões como “afirmação” ou “referência a”, o instituto da “herança” e seus vínculos com as “relações sexuais e familiares” e com “a propriedade”, os nexos “gentílicos” e “nacionais”. Além disso, Lenin afirma que o Senhor Mijailovski, na tentativa de demonstrar que a teoria do materialismo não teria fundamento, começa por tergiversa-la, atribuindo-lhe o propósito absurdo de não levar em conta toda a vida social em conjunto, enquanto, ao contrário, os materialistas (os marxistas) foram os primeiros socialistas que sublinharam a necessidade de analisar não apenas o aspecto econômico, senão todos os aspectos da vida social, como teria tornado claro tanto *O Capital* como a tática dos então social democratas russos, diferentemente dos socialistas anteriores. Em resumo, para Lenin, se perguntássemos que objeções faz o senhor Mijailovski ao critério de que as relações de produção são a base das demais; como ele refutou a exatidão dos conceitos elaborados por Marx com o método materialista, de formação social e de processo natural do desenvolvimento das formações sociais na história; como demonstrou que são errôneas as explicações materialistas, pelo menos as dos autores que ele cita, dos diversos problemas da história; se perguntássemos tudo isso a alguém, a resposta seria a mesma: não refutou nada, não opôs nada e não assinalou nenhuma inexatidão. Só esteve dando voltas ao redor do problema, tratando de escamotear

³ Levados em conta no livro *El origen de la familia, la propiedad privada y el Estado*, de F. Engels, in *Obras Escogidas*, C. Marx y F. Engels, tomo III, edição em español, Moscou,

I SEMARX
I SEMANA DE ESTUDOS MARXISTAS

Instituto Romulo Almeida de Altos Estudos (IRAE)
Faculdade de Ciências Econômicas (FCE)

com frases sem fundamento e idealizando de passagem diversos subterfúgios de pouca significação. Finalmente, Lenin diz que, esgotados seus próprios truques, o senhor Mijailovski passou a utilizar-se dos de terceiros, a exemplo daquele sobre a “complexidade” da vida social, sobre o qual invoca o “galvanismo”, que estaria igualmente relacionado com o “materialismo econômico”, já que os experimentos de Galvani “teriam causado impressão também” a Hegel, afirmação que, com o mesmo êxito, poder-se-ia fazer, ao invocar uma relação entre o senhor Mijailovski e o imperador da China; afirmações das quais não se poderia deduzir outra coisa senão a de que há pessoas que se satisfazem em dizer bobagens.

2. Método Dialético

A outra questão essencial diz respeito ao segundo elemento da parte final da afirmação do senhor Mijailovski de que “a doutrina do materialismo econômico (*assim denominada por ele*) apoia-se em dois pilares: no descobrimento de que as formas de produção e intercâmbio são sempre as que determinam tudo e na inelutabilidade do processo dialético”.

Segundo o senhor Mijailovski, os materialistas baseiam suas teorias sociológicas na tríade de Hegel⁴. Lenin, por outro lado, afirma que estamos diante de uma acusação estereotipada de que o marxismo aceitaria a dialética hegeliana, da qual também já teriam lançado mão críticos burgueses de Marx que, incapazes de opor algo substancial a sua doutrina, se apegaram à maneira de expressar-se de Marx e atacaram a procedência de sua teoria, acreditando assim solaparem-na em seus fundamentos. Recorrendo sem escrúpulos a tais métodos, o senhor Mijailovski ter-se-ia apoiado em um capítulo da obra de Engels contra Dürhing⁵. Ao rebater os ataques de Dürhing contra Marx, Engels diz que a Marx sequer ocorreu alguma vez “demonstrar” algo com a tríade hegeliana; que Marx só estudava e indagava o processo real e para ele o único critério de uma teoria era sua conformidade com a realidade. Se, ao fazê-lo, resultava, às vezes, que o desenvolvimento de um fenômeno social coincidia com o esquema de Hegel – tese, negação e negação da negação – nada havia de estranho, porque isso não é raro na natureza em geral. E Engels deu exemplos da história natural (a evolução da semente) e social (comunismo primitivo, propriedade privada e depois a socialização capitalista do trabalho) e do pensamento (inicialmente o materialismo primitivo, logo o idealismo e, finalmente o materialismo científico etc.). Segundo Lenin, para todo o mundo estaria evidente o centro de gravidade da argumentação de Engels, a saber: a missão dos materialistas consistiria em descrever com acerto e exatidão o verdadeiro processo histórico. Sustentar-se na dialética e selecionar exemplos demonstrativos de que a tríade é certa não seriam senão

⁴ Tríade (do grego trias): em filosofia, fórmula do desenvolvimento em três fases. Os primeiros a expressar a idéia deste desenvolvimento foram os filósofos idealistas da antiga Grécia. A tríada alcançou o maior desenvolvimento na filosofia idealista de Hegel, que considerou que todo processo de desenvolvimento tem três fases: tese, antítese e síntese. A segunda fase significa a negação da primeira e o trânsito para ela é a transformação em seu contrário; a terceira fase é a negação da segunda, ou seja, a negação da negação; implica, no fundo, no retorno à forma inicial, porém enriquecida de novo conteúdo. Marx, Engels e Lenin teriam enriquecido os elementos racionais da dialética de Hegel, elaborando com espírito crítico o método dialético deste e criando a dialética materialista, que reflete as leis mais gerais do desenvolvimento do mundo objetivo e do pensamento humano.

⁵ F. Engels, *Anti-Dürhing* (Primeira parte, *Filosofia*, Capítulo XIII, *La Dialéctica. La negación de la negación*, pg 37

I SEMARX
I SEMANA DE ESTUDOS MARXISTAS

Instituto Romulo Almeida de Altos Estudos (IRAE)
Faculdade de Ciências Econômicas (FCE)

vestígios do hegelianismo, que deu origem ao socialismo científico, vestígios de sua maneira de expressar-se. Uma vez que se tinha declarado categoricamente que seria absurdo “demonstrar” algo com a tríade de Hegel, coisa que ninguém pensava em fazer, que significado poderiam ter os exemplos de processos “dialéticos”? Da clareza de que se tratava só de uma indicação da origem da doutrina, parecia se dar conta o próprio senhor Mijailovski que, por sua vez, também parecia evidenciar que os materialistas teriam resolvido ao menos um *problema* da história, sem basear-se na tríade, mas nos fatos, ao reconhecer que “Marx preencheu até tal ponto de um conteúdo baseado em fatos o esquema dialético vazio que a este conteúdo se lhe podia quitar o esquema igual a como se lhe quita a tampa de um recipiente, sem mudá-lo em nada”, ainda que este senhor disse fizesse exceção em relação ao futuro. Então, Lenin perguntava: Porque o senhor Mijailovski traquinava com a tampa sem conteúdo, impugnando tal tampa e dizendo que os materialistas “baseavam-se” na inevitabilidade do processo dialético e que, com isso, rebatia um dos “pilares” do socialismo científico que seria uma completa falsidade?

Em sua análise dessa questão, Lenin, recusando-se a seguir passo a passo a forma como o senhor Mijailovski examinou os exemplos da tríade (porque isso nada teria a ver com o materialismo científico nem com o marxismo russo), suscita dois fundamentos em que se teria baseado tal senhor para “tergiversar” sobre a atitude dos marxistas frente à dialética, saber:

a) em primeiro lugar, lendo publicações marxistas o senhor Mijailovski teria deparado continuamente com o “método dialético” na ciência social, com o “pensamento dialético”, sempre na esfera das questões sociais (às quais só haveria referência) etc.. Segundo Lenin, em sua simplicidade espiritual (e menos mal se fosse só por isso) acreditou que este método consistia em resolver todas as questões sociológicas segundo as leis da tríade de Hegel. Se tivesse seguido adiante teria se dado conta do absurdo desta idéia. Marx e Engels chamavam de método dialético – por oposição ao metafísico – simplesmente ao método científico em sociologia, consistente em que a sociedade é considerada um organismo vivo em constante desenvolvimento (e não algo mecanicamente coeso e que, por isso mesmo, permitiria todo tipo de combinações arbitrárias de elementos sociais isolados), para cujo estudo seria necessário fazer uma análise objetiva das relações de produção, que constituem uma formação social determinada e investigar as leis de seu funcionamento e desenvolvimento. Qualquer pessoa que tenha lido a definição e a descrição do método dialético que oferece Engels (em sua polêmica com Dürhing) ou Marx (em várias notas de *O Capital* e nas *Palavras Finais à segunda edição* desta obra, assim como na *Miséria da Filosofia*) terá visto que para nada se fala aí da tríade de Hegel e que tudo se reduz a examinar a evolução social como um processo natural do desenvolvimento das formações socioeconômicas. Nas *Palavras Finais à segunda edição de O Capital*, Marx, reconhecendo que o método empregado por ele em *O Capital* tinha sido mal compreendido, com “os críticos alemães elevando o grito ao céu, naturalmente, dizendo que se trata de falácia hegeliana”, para expor com maior clareza seu método, reproduz a descrição do método dialético feita pela Revista *Véstnik Evropy*, em seu número 5, de 1872,, onde se diz que Marx persegue uma única finalidade: descobrir a lei dos fenômenos, cuja investigação se ocupa. Interessa-lhe, outrossim e sobretudo, a lei que rege suas

I SEMARX
I SEMANA DE ESTUDOS MARXISTAS

Instituto Romulo Almeida de Altos Estudos (IRAE)
Faculdade de Ciências Econômicas (FCE)

transformações, sua evolução, quer dizer, o trânsito de uma forma a outra, de uma a outra ordem de interdependência. Portanto, Marx só se preocupa com uma coisa, demonstrar mediante uma conscienciosa investigação científica a necessidade de determinadas ordens de relações sociais e pôr em destaque do modo mais implacável os fatos que servem de ponto de partida e apoio. Para isso basta-lhe provar, à par da necessidade da ordem presente, a necessidade de uma nova ordem para a qual aquela tem inevitavelmente que derivar, sendo igual para estes efeitos que os homens o creiam ou não, que tenham ou não consciência disso. Marx concebe o movimento social como um processo natural regido por leis que não são só independentes da vontade, a consciência e as intenções dos homens, senão que, ademais, determinam sua vontade, sua consciência e suas intenções. Contrariando aos senhores subjetivistas, Marx nega precisamente a idéia de que as leis da vida econômica são as mesmas para o passado e para o presente. Em seu modo de entender, ocorre o contrário: cada época histórica tem suas próprias leis...Em uma palavra, a vida econômica nos brinda um fenômeno análogo ao que nos oferece a evolução em outros campos da biologia...Os velhos economistas teriam desconhecido o caráter das leis econômicas, quando as comparavam às leis da física e da química...Uma análise mais profunda dos fenômenos demonstrava que os organismos sociais se distinguem uns de outros tão radicalmente como os organismos vegetais e animais...Traçando-se como meta pesquisar e explicar a ordem econômica capitalista com este critério, Marx limita-se a formular com o máximo rigor científico a meta que toda pesquisa exata da vida econômica deve propor-se... O valor científico de tais pesquisas repousa no esclarecimento das leis especiais que presidem o nascimento, a existência, o desenvolvimento e a morte de um determinado organismo social e sua substituição por outro mais elevado. Aqui Lenin pergunta se há nesta descrição, mesmo que seja uma só palavra, sobre a tríade, as tricotomias, a inevitabilidade do processo dialético e outras sandices a que teria recorrido o senhor Mijailovski.

E Marx, depois dessa descrição, diz com toda clareza que seu método é “diametralmente oposto” ao método de Hegel. Segundo Hegel, o desenvolvimento da idéia, com respeito às leis dialéticas da tríade, determina o desenvolvimento da realidade. Só neste caso, está claro, pode falar-se da significação da tríade, da inevitabilidade do processo dialético. Ao contrário, a meu modo de ver – diz Marx -, “o ideal não é mais que o reflexo do material”. A tríade fica assim reduzida ao papel de tampa ou cobertura (“eu coquetei com a linguagem de Hegel”, diria Marx), papel pelo qual são capazes de interessar-se os filisteus e ninguém mais. Aqui Lenin argui: como devemos julgar um homem que quis criticar um dos “pilares” do materialismo científico, quer dizer, a dialética e pôs-se a falar de tudo que se imagine, inclusive das rãs e de Napoleão, porém sem referir-se para nada ao que é a dialética nem a se o desenvolvimento da sociedade é realmente um processo natural? É justa a concepção materialista de que as formações socioeconômicas são organismos sociais de caráter especial? São certos os métodos de análise objetiva dessas formações? É certo que não são as idéias sociais as que determinam o desenvolvimento da sociedade, senão que é este desenvolvimento o que as determina? Pode supor-se que neste caso se trata só de incompreensão?

I SEMARX
I SEMANA DE ESTUDOS MARXISTAS

Instituto Romulo Almeida de Altos Estudos (IRAE)
Faculdade de Ciências Econômicas (FCE)

b) Após semelhante crítica da dialética, o senhor Mijailovski atribui a Marx esses métodos de demonstração “mediante” a tríade de Hegel e, naturalmente, sai vitorioso da guerra contra eles. “A respeito do futuro – diz ele – as leis imanentes da sociedade são exclusivamente dialéticas” (Nisso consistiria a exceção antes referida). O raciocínio de Marx de que a expropriação dos expropriadores é inevitável, em virtude das leis do desenvolvimento do capitalismo, tem “um caráter exclusivamente dialético”. O “ideal” de Marx sobre a propriedade comum da terra e do capital, “no sentido de sua inevitabilidade e caráter indubitável, sustenta-se exclusivamente no último laço da cadeia tricotômica hegeliana”.

Tal argumento *está integralmentee tomado* de Dürhing, que o expôs em seu livro *Historia Critica da Economia Nacional e do Socialismo* (3ª. ed, 1879, pgs. 486-48), porém o senhor Mijailovski não menciona para nada este autor. Sobre isso pergunta Lenin: Será possível que tenha chegado por sua própria conta a essa tergiversação de Marx? Vejamos o que dizia o senhor Dürhing sobre a questão, transcrito por Engels e já agora também por Lenin:

“Este bosquejo histórico (a gênese da chamada acumulação originária do capital na Inglaterra) é, além disso, relativamente a melhor parte do livro de Marx e o seria mais ainda se não se apoiasse nas muletas dialéticas, além das científicas. A negação da negação de Hegel desempenha aqui – à falta de argumentos maiores e mais claros – o papel de parteira, a cujos serviços o porvir surge do seio do passado. A eliminação da propriedade individual, que desta maneira produziu-se desde o século XVI, representa a primeira negação. Seguir-lhe-á outra caracterizada como a negação da negação e, conseqüentemente, restauração da “propriedade individual”, porém em forma superior, baseada na propriedade comum da terra e dos instrumentos de trabalho. Se o senhor Marx chama, ao mesmo tempo “propriedade social” a esta nova “propriedade individual”, nisso reflete-se precisamente a unidade superior hegeliana, na qual a contradição fica neutralizada, quer dizer, segundo o jogo de palavras de Hegel, a contradição se supera na mesma medida em que se conserva.

A expropriação dos expropriadores vem a ser, desse modo, uma espécie de produto automático da realidade histórica, em suas condições materiais exteriores... Duvido que haja uma pessoa razoável que se convença da necessidade de implantar a posse comunal da terra e do capital, baseando-se na fê das prestidigitações hegelianas, ao estilo da negação da negação... Além disso, a visão monstruosa da concepção de Marx não pode ser estranha a quem saiba o que se pode fazer corresponder, tomando por base científica a dialética de Hegel ou, melhor dito, os absurdos que, partindo de tal base, devem resultar. Para os que não conheçam estas artes direi expressamente que a primeira negação de Hegel desempenha o papel da idéia do pecado original no catecismo e a segunda negação o papel da unidade superior que conduz à expiação. A lógica dos fatos não pode basear-se já, naturalmente, em semelhantes prestidigitações de analogia tomadas do campo religioso...O senhor Marx conforma-se com sua visão nebulosa da propriedade individual e simultaneamente social e deixa a seus adeptos a solução desse profundo enigma dialético”.

I SEMARX
I SEMANA DE ESTUDOS MARXISTAS

Instituto Romulo Almeida de Altos Estudos (IRAE)
Faculdade de Ciências Econômicas (FCE)

Segundo Lenin, Engels teria dado a seguinte magnífica resposta a Dürhing, que é por ele considerada aplicável também ao senhor Mijailovski:

“Assim, pois, - conclui Engels o pensamento do Senhor Dürhing - Marx não pode demonstrar a necessidade da revolução social, a necessidade de implantar a propriedade comum da terra e dos meios de produção fabricados com o trabalho sem recorrer à negação da negação de Hegel; baseando sua teoria socialista nessas prestidigitações de analogia tomadas da religião, chega à conclusão de que na sociedade futura haverá propriedade simultaneamente individual e social, como unidade superior hegeliana da contradição neutralizada (De forma também semelhante a Dürhing o senhor Mijailovski explica: “O esquema de Marx compreende duas prestidigitações muito conhecidas da dialética hegeliana: em primeiro lugar, o esquema está estruturado segundo a lei da tríade hegeliana; em segundo lugar, a síntese se baseia na identidade dos contrários: propriedade individual e social. De modo que aqui a palavra “individual” tem um sentido especial, puramente convencional, como elemento do processo dialético e não se pode basear nele absolutamente nada”). Para Lenin, isto dizia com as melhores intenções um homem para defender diante do público russo ao “sanguinário” Marx contra o burguês Zhukovski. Com tão boas intenções que, segundo isso, resulta que Marx basearia sua concepção do processo em “prestidigitações”! O senhor Mijailovski poderia deduzir disso um moralismo que lhe seria bastante útil: as boas intenções por si sós são algo insuficientes para qualquer empresa, diz Lenin.

E prossegue Engels: “Deixemos por ora a negação da negação e vejamos o que é essa “propriedade simultaneamente individual e social”. O senhor Dürhing chama-a de “visão nebulosa” e – por estranho que pareça – tem efetivamente razão nesse sentido. Por desgraça, não é Marx, quem cai nesta “visão nebulosa”, senão uma vez mais o próprio senhor Dürhing...Corrigindo a Marx, a respeito de Hegel, atribui-lhe uma unidade superior da propriedade, sobre a qual Marx não disse nenhuma palavra”. Marx disse: “Isto é a negação da negação. Cria novamente a propriedade individual, porém sobre a base das conquistas da era capitalista, sobre a base da cooperação dos operários livres e de sua propriedade comum da terra e dos meios de produção fabricados por eles. A transformação da propriedade privada e dispersa dos indivíduos, baseada no próprio trabalho, em propriedade capitalista é, naturalmente, um processo incomparavelmente mais largo, difícil e penoso que a transformação da propriedade privada capitalista, que de fato se baseia já em um processo social de produção, em propriedade social”. Conclui Lenin: Isso é tudo. De modo que a ordem de coisas criada pela expropriação dos expropriadores define-se como restauração da propriedade individual *baseada* na propriedade comum da terra e dos meios de produção fabricados pelos próprios trabalhadores. Para qualquer que entenda o alemão (e o russo, diz Lenin, dirigindo-se ao senhor Mijailovski), isto significa que a propriedade comum se estende à terra e a outros meios de produção e a propriedade individual aos demais produtos, isto é, aos artigos de consumo. E para que o compreendam até os meninos de seis anos de idade, Marx, na pg. 56 (30 da edição russa), de *O Capital*, supõe uma “união de homens livres que trabalham empregando meios de produção comuns e gastam paulatinamente suas forças individuais de trabalho como uma força social de trabalho”, isto é, uma comunidade

I SEMARX
I SEMANA DE ESTUDOS MARXISTAS

Instituto Romulo Almeida de Altos Estudos (IRAE)
Faculdade de Ciências Econômicas (FCE)

organizada de um mudo socialista e agrega: “Todo o produto do trabalho da comunidade é um produto social. Parte deste produto serve novamente como meio de produção. *Esta parte segue sendo propriedade social*. Porém outra parte a consomem, como meio de subsistência, os membros da comunidade. *Por isso mesmo, deve ser distribuída entre eles*”. Deve estar bastante claro até para o senhor Dürhing.

Retornando a Engels: “A propriedade simultaneamente individual e comum, esta nebulosa mostruosidade, este absurdo resultante da dialética hegeliana, este imbróglio, este profundo enigma dialético, cuja solução deixa Marx a seus adeptos é, outra vez, uma livre criação e invenção do senhor Dürhing...”

“E então – continua Engels –, que papel desempenha em Marx a negação da negação? Na pg. 791 e seguintes (em russo, pg. 648 e seguintes), de *O Capital*, expõe os resultados definitivos do estudo econômico e histórico, exposto nas cinquenta páginas anteriores (em russo as trinta e cinco páginas anteriores) da chamada acumulação originária do capital. Até a era capitalista existia, pelo menos na Inglaterra, a pequena produção baseada na propriedade privada do trabalhador sobre seus meios de produção. A chamada acumulação originária do capital consistiu, neste caso, na expropriação de ditos produtores diretos, quer dizer, na destruição da propriedade privada baseada no próprio trabalho. Esta destruição foi possível porque a pequena produção que temos mencionado só é compatível com os estreitos marcos primitivos da produção e da sociedade e, em certo grau de seu desenvolvimento, cria as bases materiais de sua destruição. Esta destruição, esta transformação dos meios de produção individuais e dispersos em meios de produção concentrados na sociedade constitui a pré história do capital. Quanto aos trabalhadores converterem-se em proletários e seus meios de produção em capital, enquanto se consolidou o modo capitalista de produção, adquiriram uma nova forma de socialização ulterior do trabalho e dos outros meios de produção (em capital), portanto a ulterior expropriação dos proprietários privados. Agora já não é o trabalhador que governa em sua economia o que deve ser expropriado, mas o capitalista que explora a numerosos operários. Esta expropriação se leva a cabo pelo jogo das leis imanes da própria produção capitalista, devido à concentração dos capitais. Um capitalista devora a muitos outros. Paralelamente a esta concentração ou expropriação de uma multidão de capitalistas por uns poucos desenvolve-se cada vez a maior escala a forma cooperativa do processo de trabalho, desenvolve-se a aplicação tecnológica consciente da ciência, a metódica exploração em comum da terra, os instrumentos de trabalho convertem-se em meios que só podem ser utilizados em comum e economizam-se todos os meios de produção, porque se utilizam como meios de produção comuns do trabalho social combinado. Em paralelo à diminuição constante do número de magnatas do capital, que usurpam e monopolizam todas as vantagens desse processo de transformação, aumentam em massa a miséria, a opressão, a escravidão, a degradação e a exploração; porém aumenta também a indignação da classe operária, que cresce sem cessar em número, instrui-se, unifica-se e organiza-se pelo próprio mecanismo do processo capitalista de produção. O capital converte-se em trava do modo de produção que prosperou junto com ele e sob seu amparo. A concentração dos meios de produção e a socialização do trabalho chegam a tal ponto que se tornam incompatíveis com sua envoltura

I SEMARX
I SEMANA DE ESTUDOS MARXISTAS

Instituto Romulo Almeida de Altos Estudos (IRAE)
Faculdade de Ciências Econômicas (FCE)

capitalista. Esta se rompe. A hora da propriedade privada capitalista soou. Os expropriadores são expropriados”.

Neste ponto Lenin pergunta ao leitor: Onde estão os intrincados hieroglifos e arabescos dialéticos, onde está a confusão de conceitos que reduz todas as diferenças a nada, onde estão os milagres dialéticos para os fiéis e as prestidigitações a respeito da doutrina de Hegel sobre o conhecimento, coisas sem as quais Marx, ao juízo de Dürhing, não teria podido expor até o fim suas idéias? Para Lenin, Marx demonstra historicamente e o resume aí em termos escorregados que da mesma forma que a pequena produção engendrou em seu tempo, com seu próprio desenvolvimento, as condições de sua destruição, agora a produção capitalista engendrou igualmente ela própria as condições materiais que levarão a seu afundamento. Tal é o processo histórico, e se resulta ao mesmo tempo dialético, já não é culpa de Marx, por mais fatal que isso tenha parecido ao senhor Dürhing. Só ao chegar a esse ponto, ao terminar com sua demonstração histórico-econômica, Marx continuaria: “O movimento capitalista de produção e apropriação e, por conseguinte, a propriedade privada capitalista constituem a primeira negação da propriedade individual baseada no próprio trabalho. A negação da produção capitalista realiza-se por ela própria com a necessidade de um processo natural. Isto é a negação da negação” etc. (tal como foi dito antes).

No dizer de Lenin, ao chamar a este processo negação da negação, Marx não pensava sequer em ver nisso uma demonstração de sua necessidade histórica. Ao contrário, depois de demonstrar historicamente que este processo se operou já em parte na prática e em parte deve ainda operar-se, só depois disso, define-o como processo que se opera também de acordo com uma lei dialética determinada. E nada mais. Desse modo também aí o senhor Dürhing teria exagerado, ao afirmar que a negação da negação presta os serviços de parteira com cuja ajuda o porvir surge do seio do passado ou que Marx exige que nos convençamos da necessidade da propriedade comum da terra e do capital pela fé na lei da negação da negação.

Continuando esta sua análise, Lenin registra em amplo trecho deste seu texto, duas sutis diferenças entre os senhores Dürhing e Mijailovski, em suas críticas a Marx, a primeira no tocante à acusação a este de hegeliano e a segunda sobre o uso de Marx dos tempos dos verbos, ao empregar o presente falando sobre o futuro e resgata a discussão que envolve os senhores Mijailovski, Zhukovski e Postoronni, em torno do significado para Marx da “socialização” e da “forma social do trabalho” na produção capitalista e da demonstração de Marx de que a formação social capitalista seguiria uma tendência determinada e que deveria sucumbir inevitavelmente e converter-se em outra organização, em uma organização superior., além de repetir o registro da mudança de posição do senhor Mijailovski sobre o pensamento de Marx, ao defendê-lo em 1872 e 1877 e contestá-lo em 1894.

3. Balanço Geral

Finalmente, Lenin termina seu exame crítico da polêmica sobre esses dois pontos cruciais da teoria e do método marxista de Marx, fazendo um balanço e um resumo dos “argumentos” do

I SEMARX
I SEMANA DE ESTUDOS MARXISTAS

Instituto Romulo Almeida de Altos Estudos (IRAE)
Faculdade de Ciências Econômicas (FCE)

principal crítico por ele analisado, senhor Mijailovski. Em relação ao primeiro ponto, o da teoria ou concepção materialista da história, dizendo que este senhor, havendo declarado que não sabia em que obra estava exposto o materialismo e não tendo conseguido encontrar tal exposição em nenhuma parte, teria inventado o que é o materialismo. Para dar uma idéia das desmedidas pretensões deste materialismo, inventou que os materialistas pretendem haver explicado todo o passado, o presente e o futuro da humanidade. E quando, mais tarde, ao confrontar suas afirmação com a declaração autêntica dos marxistas, resultou que estes consideram explicada só uma formação social, este crítico resolveu que os materialistas restringem o campo de ação do materialismo, com o que eles próprios se negariam. Para dar uma idéia dos métodos de elaboração deste materialismo, inventou que os próprios materialistas reconheciam que lhes faltavam conhecimentos para uma obra como a elaboração do socialismo científico, embora Marx e Engels reconhecessem a insuficiência de seus conhecimentos (em 1845/1846) da história da economia em geral e embora eles jamais publicassem tal obra, o que seria a prova da insuficiência de seus conhecimentos.

Após esses preâmbulos, o senhor Mijailovski brinda-nos com a crítica de que *O Capital* ter-se-ia reduzido a nada porque se referia somente a um período, enquanto o crítico necessita de todos os períodos e, além disso, porque *O Capital* não afirma o materialismo econômico, mas apenas do que se trata. Pelo visto, seriam argumentos tão sérios e profundos que se teria de reconhecer que o materialismo jamais teria tido base científica. Logo citou-se contra o materialismo o fato de que um homem totalmente alheio a esta doutrina (Morgan), que estudou as épocas pré históricas em um país completamente distinto, teria chegado a conclusões também materialistas. Para demonstrar depois que a procriação teria sido trazida por erro ao materialismo, que só se tratava de um subterfúgio verbal, esse crítico tentou demonstrar que as relações econômicas constituem uma superestrutura das relações sexuais e familiares. As indicações que com tal motivo dá este sábio crítico para dar lição aos materialistas ensinou-nos a profunda verdade de que a herança é impossível sem a procriação, de que aos produtos desta procriação “adere” uma mentalidade complexa e de que os filhos educam-se à semelhança dos pais. De passagem nos inteiramos também de que os vínculos nacionais são uma continuação e uma generalização dos vínculos gentílicos. Prosseguindo em suas indagações teóricas sobre o materialismo, o senhor Mijailovski observou que o conteúdo de muitos argumentos dos marxistas consiste em que a opressão e a exploração das massas são “necessárias” sob o regime burguês e que este regime deve transformar-se “necessariamente” em socialista e, então, apressou-se em declarar que a necessidade é um conceito demasiado geral (se não se diz o que é que as pessoas consideram taxativamente necessário) e que, portanto, os marxistas são místicos e metafísicos. Do mesmo modo, tal crítico declara que a polêmica de Marx com os idealistas é “unilateral”, porém sem dizer uma palavra do ponto de vista desses idealistas sobre o método subjetivo e a opinião que tem deles o materialismo de Marx.

Quanto ao segundo ponto, o do método dialético, bastaria apenas um empurrão do valente crítico para derruba-lo. E o empurrão teria sido muito acertado: o crítico se revolia e se desdobrava em esforços incríveis para refutar que se pudesse demonstrar algo com a tríade

I SEMARX
I SEMANA DE ESTUDOS MARXISTAS

Instituto Romulo Almeida de Altos Estudos (IRAE)
Faculdade de Ciências Econômicas (FCE)

hegeliana, silenciando que o método dialético não consiste, em absoluto, em tal tríade, mas precisamente na negação dos métodos do idealismo e do subjetivismo em sociologia. Outro empurrão foi dirigido por ele especialmente contra Marx: com a ajuda do valoroso senhor Dürhing, ele atribui a Marx a estupidez inverossímil de demonstrar mediante a tríade hegeliana a necessidade do afundamento do capitalismo e logo combate vitoriosamente contra esta estupidez.

Eis aí, diz Lenin, a epopéia dos brilhantes “triumfos” de “nosso célebre sociólogo”! A rigor, a contestação de seus distintos ângulos já foi antes apresentada. Contudo, Lenin, entre outras coisas, também fez questão de registrar neste texto outra circunstância que, não tendo relação direta com a pretensa crítica da doutrina de Marx, aqui já amplamente explicitada e comentada, pareceu-lhe relevante, por caracterizar a visão e os ideais do autor dessa crítica. Trata-se basicamente de sua atitude frente ao movimento operário do ocidente, ao final do século XIX.

Com efeito, diz Lenin, vimos como declara o senhor Mijailovski que o materialismo não se justificou na “ciência”, porém este materialismo, raciocina ele, “difunde-se realmente com muita rapidez entre a classe operária”. Como explicaria o senhor Mijailovski este fato? “Quanto ao êxito em extensão, por assim dizer, de que goza o materialismo econômico, quanto a sua difusão em forma não comprovada com critério crítico, o centro de gravidade deste êxito não repousa na ciência, mas na prática da vida, estabelecida pelas perspectivas do porvir”. Que outro sentido pode ter esta frase torpe sobre a prática “estabelecida pelas perspectivas” do porvir, qual não seja o de que o materialismo propaga-se não por haver explicado com assento na realidade, mas por haver-se afastado desta realidade para as perspectivas? E mais adiante diz o crítico: “Estas perspectivas não exigem da classe operária alemã, que as faz suas, nem das pessoas que se preocupam ardentemente por seu destino, conhecimentos nem esforço do pensamento crítico. Só exigem fé”. Dito em outras palavras, a difusão do materialismo e do socialismo científico em extensão, depende de que esta doutrina promete aos operários um porvir melhor! Mas, basta o conhecimento mais elementar da história do socialismo e do movimento operário do ocidente, para ver-se quanto absurda e falha é esta explicação! Todo mundo sabe que o socialismo científico jamais traçou nenhuma perspectiva do porvir, mas que apenas se limitou a analisar o regime burguês contemporâneo, estudando as tendências do desenvolvimento da organização social capitalista e nada mais. “Não dizemos ao mundo – escreveu Marx já em 1843 e cumpriu em tábua rasa este programa – deixe de lutar, toda tua luta não vale nada”; “nós lhe proporcionamos a verdadeira bandeira de luta. Só mostramos ao mundo porque luta realmente e a consciência é uma coisa que o mundo *deve* adquirir, queira-o ou não”.⁶ Todos sabem, por exemplo, que *O Capital*, obra principal e fundamental que expõe o socialismo científico, no tocante ao porvir limita-se a alusões de caráter muito geral, examinando apenas os elementos já existentes, dos quais surge o regime futuro. Quanto às perspectivas para o porvir, todo o mundo sabe que as ofereciam em muito maior número os socialistas anteriores, que pintavam com todo detalhe a sociedade

⁶ Lenin cita uma carta de Marx a A. Ruge (setembro de 1843)

I SEMARX
I SEMANA DE ESTUDOS MARXISTAS

Instituto Romulo Almeida de Altos Estudos (IRAE)
Faculdade de Ciências Econômicas (FCE)

futura, desejando entusiasmar a humanidade com um quadro de regimes nos quais não houvesse necessidade de luta, nos quais as relações sociais não se baseassem na exploração, mas nos verdadeiros princípios do progresso, que se acham em consonância com as condições da natureza humana. Contudo, em que pese a toda uma plêiade de pessoas de grande talento que expunham tais idéias e de socialistas convencidíssimos, suas teorias permaneciam à margem da vida e seus programas à margem dos ‘movimentos políticos populares, até que se encontrou a verdadeira consigna de luta. E encontrou-a Marx, que “não é utopista, mas um cientista cabal e às vezes até escoreito” (como opinava o senhor Mijailovski nos idos de 1872) e não a encontrou mediante umas perspectivas quaisquer, mas fazendo uma análise científica do regime burguês contemporâneo, esclarecendo que a exploração é *necessária*, enquanto exista este regime, estudando as leis do desenvolvimento deste regime. Nosso crítico, naturalmente, pode assegurar aos leitores de sua revista que, para compreender esta análise não fazem falta conhecimentos nem esforço de pensamento, mas já vimos em seu próprio exemplo uma incompreensão tão chã das verdades mais elementares, que semelhante declaração, é claro, só pode despertar sorriso. Segue sendo um fato irrefutável que o movimento operário estende-se e desenvolve-se precisamente nos lugares e na medida em que se desenvolve a grande industria mecanizada capitalista; que a doutrina socialista tem êxito precisamente quando deixa de divagar em torno às condições sociais que correspondem à natureza humana, compreende a análise materialista das relações sociais contemporâneas e esclarece que o atual regime de exploração é necessário.

Lenin prossegue afirmando que, após haver tentado passar pelo alto as verdadeiras causas do êxito do materialismo entre os operários, dando uma caracterização diametralmente oposta à verdade da posição que esta doutrina tem sobre as “perspectivas, o senhor Miljailovski começa a burlar, da maneira mais vulgar e filistéia, sobre as idéias e a tática do movimento operário da Europa Ocidental. Como já se viu, não pode aduzir nem um só argumento contra as provas de Marx sobre a inevitabilidade da transformação do regime capitalista em regime socialista, devido à socialização do trabalho. Mesmo assim, isso não o impediu de ironizar com o maior descaramento a propósito de que o “exército dos proletários” prepara a expropriação dos capitalistas, “depois do que cessará já toda luta de classes e reinará na terra, a paz e a concórdia entre os homens”. Segundo Lenin, o senhor Mijailovski conhece caminhos muito mais tranquilos e seguros que este para tornar realidade o socialismo: só faz falta que os “amigos do povo” indiquem com maiores detalhes os caminhos “claros e inelutáveis” da “evolução econômica desejada” e, então, seguramente, “chamar-se-á” a estes “amigos do povo” para resolverem “os problemas econômicos práticos; enquanto isso os operários devem esperar, confiar nos “amigos do povo” e não começar “com infundada confiança em si próprios” a lutar por sua conta contra os exploradores. Desejando aplicar um golpe mortal a esta “infundada confiança em si próprios”, nosso autor crítico se indigna pateticamente contra “essa ciência que quase cabe em um dicionário de bolso”! Que horror, com efeito: a ciência e os folhetos social democratas que custam uns centimos e cabem no bolso! Vemos bem claro com que pouco fundamento estariam seguras de si mesmo as pessoas que só apreciam a ciência porque ensina aos expropriados a lutar por sua conta em vista de sua emancipação, a afastar-se de todo tipo de “amigos do povo”, que dissimulam o antagonismo entre as classes e

I SEMARX
I SEMANA DE ESTUDOS MARXISTAS

Instituto Romulo Almeida de Altos Estudos (IRAE)
Faculdade de Ciências Econômicas (FCE)

que querem encarregar-se eles próprias de tudo isso, as pessoas que, por isso mesmo, expõem esta ciência em edições baratas que tanto chocam aos filisteus! Que distinto seria se os operários confiassem sua sorte aos “amigos do povo”! Estes o ensinariam a verdadeira ciência, exposta em numerosos tomos, a ciência universitária e filistéia; lhes dariam a conhecer com detalhe a organização social que corresponde à natureza humana, sempre que os operários... concordassem em esperar e não comessem a lutar por conta própria, com tão infundada confiança em si mesmos!

Como se pode ver, guardadas as devidas proporções e diferenças de tempo e lugar, as questões resgatadas nesse breve relato da ótica leninista sobre a teoria o método em Marx, nos seus limites, por si sós, após tantas discussões já suscitadas após o pensamento deste autor, inclusive por autodenominados marxistas, indubitavelmente continuam na plenitude da ordem do dia, a desafiar nossas reflexões e nossas práticas.